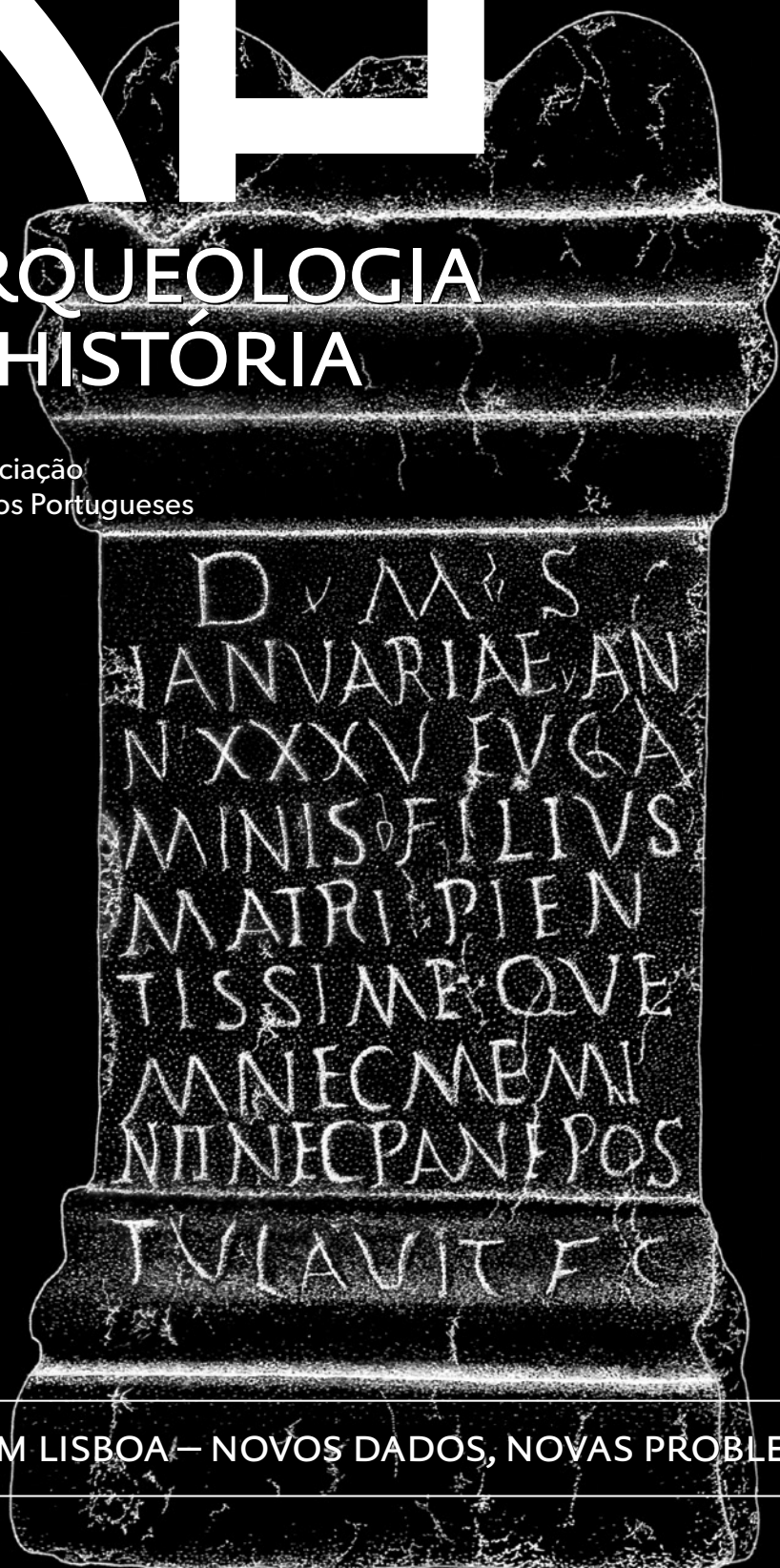


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3P000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3P000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

AS NECRÓPOLES DA IGREJA E CONVENTO DO CARMO: INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA (2013/2015)

António Marques¹, Raquel Santos²

¹ Centro de Arqueologia de Lisboa – CML / antonio.a.marques@cm-lisboa.pt

² Neoépica, Lda. / neopica@gmail.com

Resumo

A intervenção a que nos reportamos decorreu da operação urbanística que culminou na implementação do projecto de requalificação da envolvente deste monumento gótico lisboeta, inaugurado em 2015, da autoria do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. Na sequência das intervenções realizadas em 2008 e 2010/2011, nesta campanha continuaram-se a exumar diversos enterramentos no Largo do Carmo, ao longo da Travessa de D. Pedro de Menezes e no Adro Sul da Igreja do Carmo. Igualmente, nos Terraços do Carmo, no tardo do Convento, foram exumados 3 enterramentos que certamente estarão relacionados com uma necrópole privativa do cenóbio. Neste espaço foram também identificados alguns ossários, cuja formação deverá estar relacionada com a ocorrência de obras no interior do convento e na cerca conventual.

Palavras-chave: Enterramentos, Ossários.

Abstract

This archaeological intervention was due to the urban operation that culminated in the implementation of the requalification project of the surroundings of this Lisbon Gothic monument, by the architect Álvaro Siza Vieira, inaugurated in 2015. Following the interventions carried out in 2008 and 2010/2011, in this campaign we continued to exhume several burials in Largo do Carmo, along the Travessa de D. Pedro de Menezes and in the south churchyard of Carmo Church. Also, in Terraços do Carmo, at the rear of the Convent, 3 burials were exhumed, which are certainly related to a private necropolis of the monastery. In this space were also identified some ossuaries, whose formation must be related to the occurrence of works in the interior and in conventual yard.

Keywords: Burial, Ossuaries.

1. O MONUMENTO

Edificado entre 1389 e o primeiro quartel da centúria seguinte, em consequência de uma promessa feita por Nuno Álvares Pereira, o Convento e Igreja do Carmo constitui o mais visível monumento gótico de Lisboa. Todavia, o seu percurso enquanto edifício lisboeta está marcado por sucessivas obras de alteração, remodelação e reconstrução. Com efeito, a construção actual corresponde à ruína que resultou da reconstrução parcial a que foi sujeito após o Terramoto de 1755.

De entre aquelas alterações destacam-se as realizadas na fachada Sul, entre os finais do séc. XVI e o primeiro quartel do séc. XVII, que se traduziram na construção da Capela do Santo Cristo Cativo e na abertura de uma nova porta lateral (Marques & Bastos, 2015); acompanhadas de uma assinalável transformação do seu enquadramento urbanístico, concretamente no lado Sul do monumento, onde a designada Passagem do Carmo (hoje Travessa de D. Pedro de Menezes) foi então estruturada, em articulação com as Escadinhas do Carmo, através das quais se faria a ligação ao Rossio. Contudo, a primitiva solução de reforço estrutural das fachadas laterais do templo com a utilização de arcobotantes, terá sido apenas preservada na fachada Sul, enquanto no exterior da fachada oposta se procedeu à construção de um claustro e de uma grande cisterna, entre os séculos XVI e XVII, onde segundo o cronista Manoel de Sá (1727: 177) terão também existido botaréus, que seriam desmontados por ordem do Prior Fr. Jorge Carrasco em Abril de 1617.

Igualmente, no lado tardo, registou-se a ocorrência de sucessivas campanhas de obras, de entre as quais algumas terão tido um impacto maior. Destas destacaremos a edificação do denominado Dormitório Novo entre 1571 e 1582 (Sá, 1724: 434) acerca do qual afirma Frei José da Santana que *“para se erigir o grande Dormitório do norte foi preciso demolir aquella obra antiga”*, referindo-se a uns antigos dormitórios em adobe, *“obra tosca”*, onde teria vivido e falecido Nuno Álvares Pereira (Santa Ana, 1745: 790). Destaque também para a construção do denominado Caracol do Carmo, em finais do séc. XVI, com a criação de uma ligação entre o Rossio e o Largo do Carmo, a que já aludimos.

Já nos inícios do séc. XVIII, sensivelmente entre 1703 e 1706, uma outra obra de grande envergadura é realizada na antiga cerca do Convento. Referimo-nos ao Hospital da Ordem Terceira, cujo edifício se desenvolvia em altura através de patamares ou pisos, até à rua das Escadinhas do Carmo, para onde daria uma *“fachada sumptuosa”* que documenta bem *“a opu-*

lência da Irmandade” (Sequeira, 1939a: 156). Ainda neste mesmo lado tardo, mas possivelmente já fora da área de intervenção dos presentes trabalhos de arqueologia, também se refere a construção, em 1742, do Noviciado Novo (SANTANA, 1745: 790).

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Realizados no âmbito do processo urbanístico de implementação do projecto *“Ligação Pedonal do Pátio B do Chiado, Largo do Carmo e Terraços do Carmo”* da autoria do Arqt.º Siza Vieira, os trabalhos de arqueologia contaram com 3 campanhas distintas, sendo as duas primeiras realizadas ainda numa fase preliminar. Em 2008 foram feitas 9 sondagens de diagnóstico, distribuídas por toda a área que lhe estava afectada, por uma equipa do então Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, sob a orientação de um dos signatários; entre 2010 e 2011, a mesma equipa procedeu à escavação parcial da Travessa D. Pedro de Menezes e da zona da Capela do Santo Cristo Cativo (Marques & Bastos; 2015).

Apresente intervenção, realizada entre 2013 e 2015, ocorreu já em fase de obra, sob orientação dos signatários, numa parceria/contratação entre o Centro de Arqueologia de Lisboa (C.M.L.) e a empresa de arqueologia Neoépica. No que respeita à especialidade de antropologia, os trabalhos de levantamento dos enterramentos, ocorrendo de forma intermitente, foram sendo assumidos pelos antropólogos Raquel Granja, Patrícia Simão e Nuno Morgado, cabendo contudo à primeira a coordenação dos trabalhos de antropologia no terreno, e a exumação da maior parte dos indivíduos.

Por razão de gestão do próprio projecto de arquitectura, consideraram-se sempre autonomamente os espaços correspondentes ao Largo do Carmo / Travessa de D. Pedro de Menezes e Adro Sul da Igreja, cujo acrónimo de escavação foi PBIC; e os denominados Terraços do Carmo, com o acrónimo TC. Em ambas as frentes da intervenção foram identificados contextos sepulcrais.

3. AS NECRÓPOLES

De acordo com as descrições existentes – *Memórias Históricas* (1727) e *Cronica dos Carmelitas* (1745/1751) – relativas ao complexo conventual antes de 1755, seria possível fazer enterramentos em quase toda a área edificada e ainda no espaço circundante, tanto no que seria a respectiva cerca, que se desenvolveria para os lados Norte e Este, como para o espaço público, nas restan-

tes direcções. Deverá contudo salientar-se que a sua função cemiterial seria distinta dos cemitérios afectos às igrejas paroquiais, uma vez que, para além dos frades da Ordem, possivelmente apenas os fiéis com ligação ao convento e às suas Irmandades aí seriam inumados.

Ainda em relação a esta valência deste espaço, é curiosa a resolução de D. João V, datada de 9 de Setembro de 1735, que concede à Capela do Santo Cristo Cativo “o rendimento das aberturas dos cóvaes da Igreja, e Cemeterios deste Convento”, acrescentando ainda “por sua Real mão” que “o producto das esmolas não poderá applicarse a outra despeza mais, que à do culto da Capella do Santo Christo”, a que acresceu a recomendação posterior, de 7 de Outubro do mesmo ano, de que “o dito producto das covagens desse convento as faça [...] entregar ao Sacristão, que trata da dita capella” (Santa Ana, 1745: 725; Sequeira, 1939a: 358).

Do ponto de vista arqueológico está reconhecida a existência de enterramentos no interior da Igreja, intervencionada arqueologicamente por F. Rodrigues Ferreira em 1996 (Ferreira, 1999). O mesmo sucede também no exterior, no actual Largo do Carmo, correspondente ao antigo Adro Principal (intervenção realizada em 2001/2002, igualmente por uma equipa do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, sob a orientação de um dos signatários), no início superior da Travessa de D. Pedro de Menezes (Marques & Bastos, 2015) e no Adro Sul (Ferreira & Neves, 2002).

4. LARGO DO CARMO, TRAVESSA DE D. PEDRO DE MENEZES E ADRO SUL

Além do conhecimento arqueológico de que já se dispunha no início desta intervenção, existe imensa documentação que aponta para a utilização cemiterial deste espaço. Com efeito, há uma sagração oficial do mesmo a 30 de Agosto de 1523, pelo Bispo de Rossionna (Sequeira, 1939b: 362-363), ainda que o espaço já estivesse a ser utilizado como necrópole, conforme se sabe pela notícia do acordo feito entre os Carmelitas e Febus Moniz de Lusignan, em 1499, quando lhe foi permitido edificar no local do Adro Sul, com a condição de “...à sua custa (...) tirar os ossos dos defuntos, que no mesmo lugar estavam sepultados, e os mandaria para a Igreja...” (Sá, 1727: 340), situação que leva Matos Sequeira a considerar que neste espaço estaria o que denomina de Miradouro do Conde onde, logo após a morte de Nuno Álvares Pereira, os frades instalaram o cemitério dos Peregrinos (SEQUEIRA, 1939b: 154).

Durante os trabalhos de arqueologia a que nos reportamos foram identificados nesta área 169 enterramentos, de ambos os sexos e de todas as idades, dos quais se exumaram 143, tendo ficado por escavar 26 (Figuras 1 a 6). Considerando o carácter urbano deste local, apenas 41 não haviam sido afectados por episódios decorrentes de remeximentos do subsolo. Foram ainda identificados 12 ossários e/ou reduções, sempre

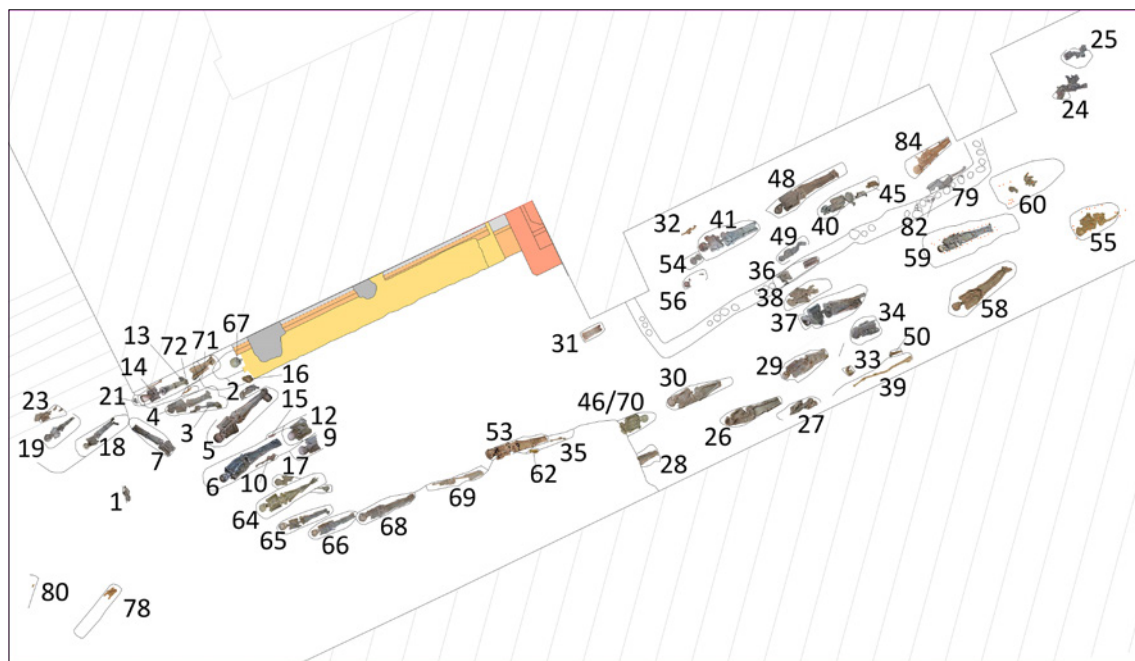
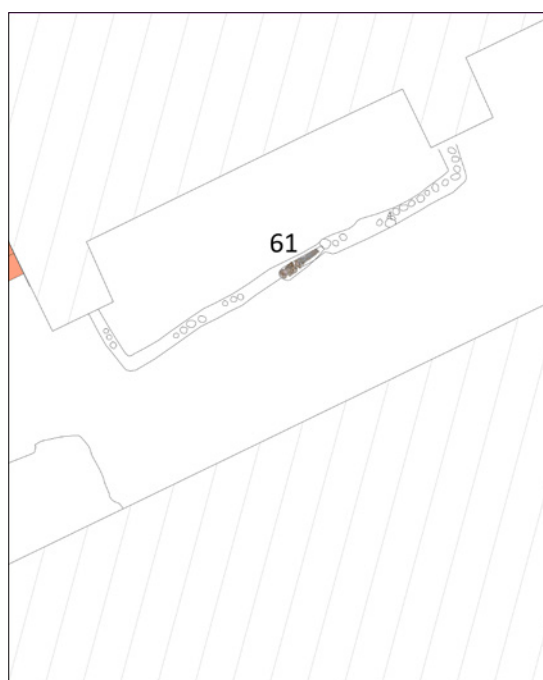
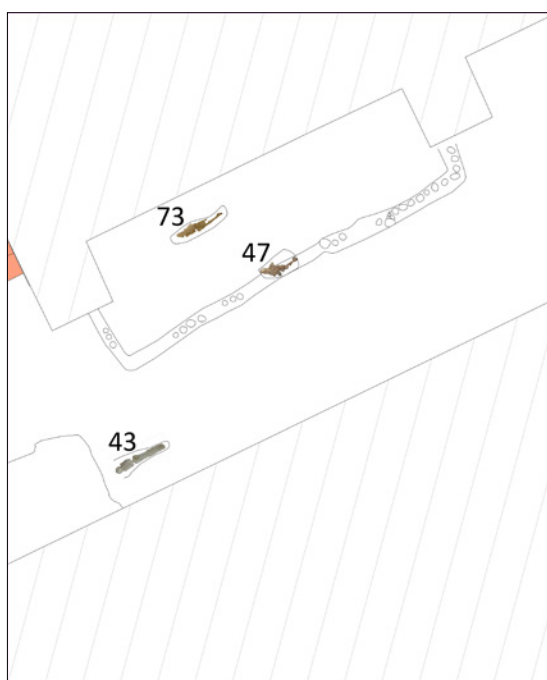
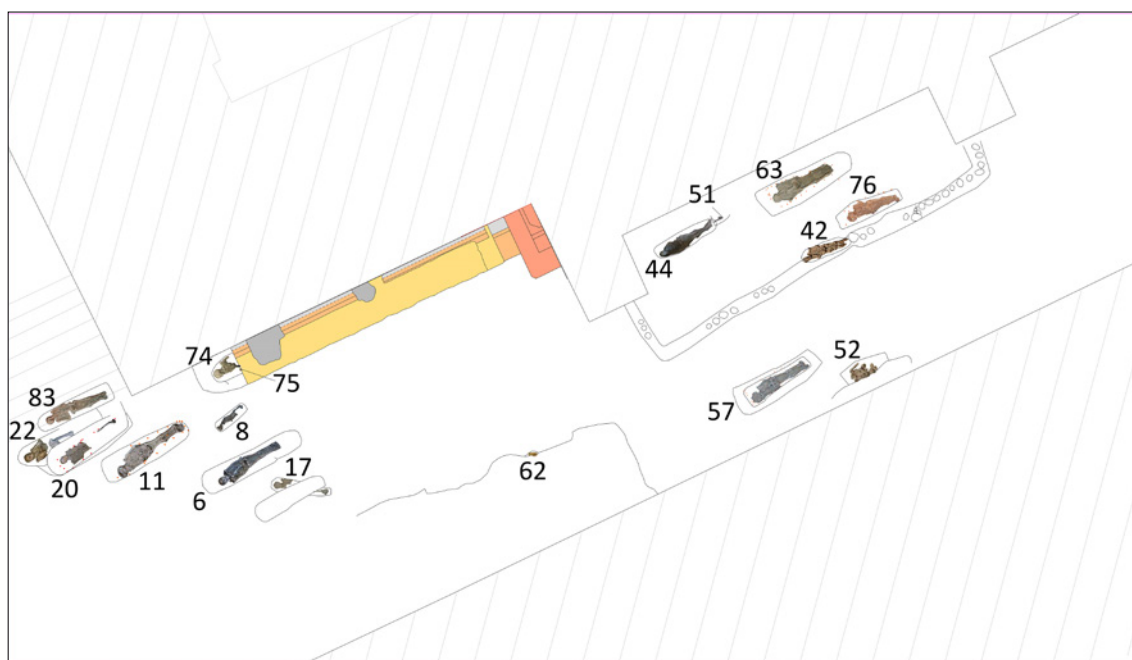
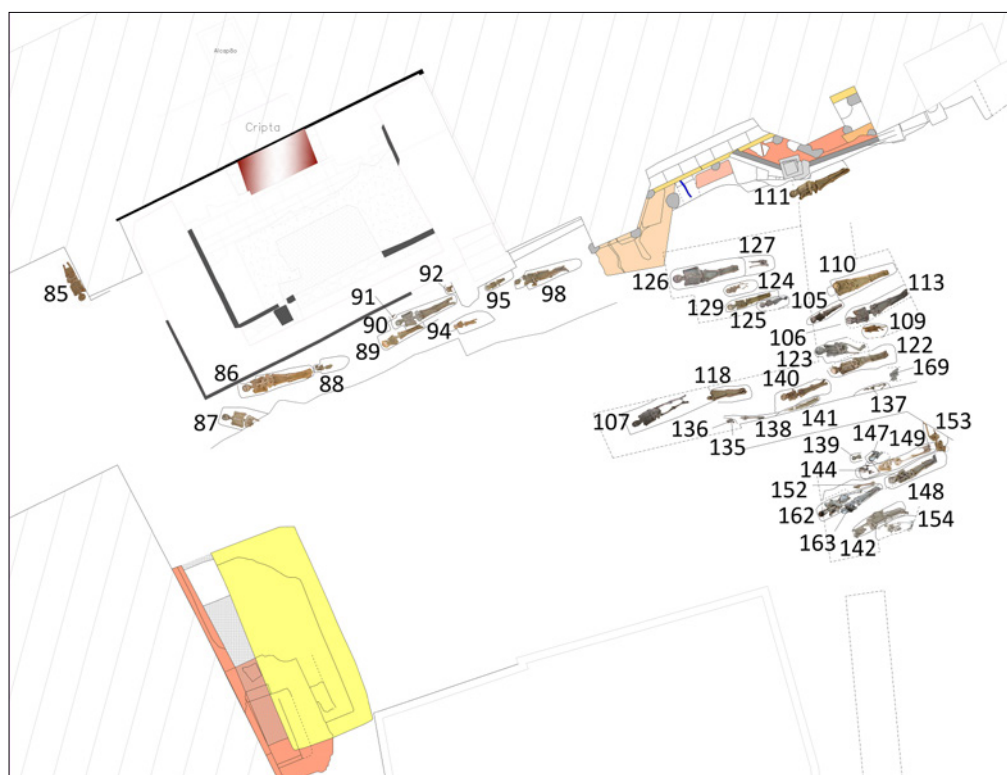


Figura 1 – PBIC: Planta final de implantação dos enterramentos.



Figuras 2 e 3 – PBIC: Planta final de implantação dos enterramentos.



Figuras 4 e 5 – PBIC: Planta final de implantação dos enterramentos.



Figura 6 – PBIC: Planta final de implantação dos enterramentos.

associados a enterramentos, certamente resultantes de reduções (totais ou parciais) que permitissem a colocação de outro indivíduo na mesma sepultura, como sucedeu com um número considerável de enterramentos.

A grande maioria dos casos corresponde a simples covachos, tipologicamente entre o oval (Figura 7 – em número de 45: Enterramentos 5, 7, 8, 17, 19, 25, 26, 30, 31, 34, 36, 38, 40-44, 48, 49, 52-54, 56, 58, 61, 64-66, 68, 70, 73, 83, 85, 89, 95, 105, 106, 108, 111, 113, 124, 129, 130, 141) e o rectangular (Figura 9 – em número de 24: enterramentos 6, 11, 12, 14, 16, 18, 20, 47, 55, 57, 59, 60, 63, 76, 78, 86, 87, 107, 115, 118, 122, 125, 126, 127), tendo-se contudo registado a ocorrência de dezanove sepulturas com cabeceira, ou bem afeiçoadas, com uma tipologia antropomórfica (Figura 10 – n.ºs 29, 37, 88, 90, 94, 98, 110, 114, 116, 117, 123, 140, 144, 145, 146, 147, 155, 166, 168) que, numa primeira análise, nos parecem corresponder às ocorrências mais antigas e primitivas desta ocupação. De referir que no caso dos restantes enterramentos não foi possível identificar a forma do respectivo covacho, o que se justifica pela intensa remobilização do sedi-

mento deste espaço, ao longo de mais de 350 anos.

Dos 143 indivíduos identificados, apenas 11 apresentavam vestígios de caixão, fosse através da presença de pregos, fosse ainda pela preservação de algum vestígio de madeira (Ent. 55), não podendo todavia descartar-se a hipótese de nalguns casos ter apenas sido utilizada uma padiola, sobre a qual o defunto seria colocado amortalhado e depositado no local que lhe estaria destinado.

Em 1701, Thomas Cox, um comerciante inglês, descreve os enterros que viu em Lisboa de uma forma genérica – “*Em geral, os mortos são enterrados com o hábito de São Francisco, sem caixões, atiram os corpos para dentro dos túmulos de uma forma muito brusca e deitam-lhes cal por cima*” (Cox, 2007: 280). A presença de cal foi registada arqueologicamente (Figura 10), de forma abundante, em pelo menos quatro enterramentos (9, 12, 28 e 70) que, em função do espólio associado, terão ocorrido na fase posterior à requalificação a que o monumento e a sua envolvente terão sido sujeitos entre finais do séc. XVI e inícios da centúria seguinte.



Figura 7 – Enterramento 65 (PBIC). Exemplo de estrutura negativa ovalada, escavada no substrato.



Figura 8 – Enterramento 67 (PBIC). Exemplo de estrutura negativa rectangular, igualmente escavada no substrato geológico.



Figura 9 – Enterramento 116 (PBIC). Exemplo de estrutura negativa antropomórfica, observando-se uma outra do lado direito.



Figura 10 – Enterramento 12 (PBIC), com vestígios de cal associada.

No que respeita à presença de espólio, apenas 36 dos enterramentos exumados apresentavam algum espólio associado (Figura 11), nomeadamente alfinetes (22 exemplares), relacionados com o respectivo amortalhamento. Somente 4 enterramentos tinham numismas associados (ent. 14 – Ceítil de D. Sebastião; ent. 63 – ceítil de D. Manuel; ent. 84 e ent. 124 – ilegíveis). Ou seja, em linha com os preceitos de despojamento material que caracterizam os rituais funerários cristãos, em que todavia ainda se revelam algumas reminiscências da tradição medieval (de origem pagã) da colocação de uma moeda no defunto para pagamento da barca de Caronte.

Merece todavia destaque o Enterramento 94, no qual se encontrou uma medalha em prata (Figura 12), tipo moldura, com vidro, em cujo interior, possivelmente estaria uma imagem (em papel?) que se decompôs, associada a um pendente também em prata com um fragmento de coral (Figura 13), contrastando com a sobriedade e despojamento dos demais enterramentos. Corresponderia, em nossa opinião, a uma situação pontual que certamente se relaciona com as vivências pessoais e íntimas do fenómeno da morte e da partida de um ente querido.

Tipo de espólio PBIC e TC
Total: 43

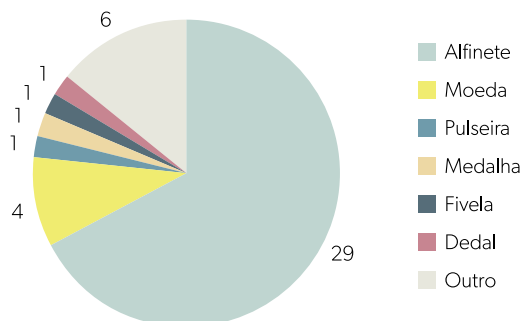


Figura 12 – Enterramento 94 (PBIC), medalha com aro em prata e vidro.



Figura 13 – Enterramento 94 (PBIC), pendente de prata com coral.

A crença na Ressurreição e no Juízo Final materializa-se na forma como os féretros são colocados na sua sepultura, em posição decúbito dorsal, sendo que apenas dois enterramentos fogem a esta regra, apresentando-se em decúbito lateral direito (ent. 32 e 106) e um terceiro enterramento em decúbito ventral (ent. 62). Há ainda oito enterramentos cuja posição de deposição não foi possível identificar, atendendo ao seu mau estado de preservação (enterramentos 16, 21, 39, 50, 51, 56, 67 e 104).

Outro sinal deste ritual prende-se com as respectivas orientações, constatando-se que praticamente todos os indivíduos foram dispostos em sepulturas com a mesma orientação da Igreja, ou seja, a cabeça para Poente e os pés para Nascente, constatando-se que alguns apresentam um ligeiro desvio, que direcciona os pés dos indivíduos para o Altar-mor da Igreja, situação de que é exemplo a colocação/sobreposição dos enterramentos 17 e 64 (Figura 14). Todavia registaram-se 2 indivíduos com disposição distinta, designadamente os enterramentos 7 e 85. Com efeito, o primeiro daqueles apresenta uma orientação contrária, isto é, a cabeça encontra-se a Nascente e os pés para Poente,



Figura 14 – Enterramentos 17 e 64 (PBIC), observando a afectação e a sobreposição dos mesmos.

podendo tratar-se de um clérigo que, na altura da ressurreição, ressuscitaria virado para os crentes, tal como o fez em vida durante as eucaristias. O enterramento 85, com orientação Norte/Sul, deverá estar relacionado com a orientação da Capela do Santo Cristo Cativo, podendo-se-lhe atribuir uma cronologia de deposição posterior a 1603 (data de fundação da Capela).

Conforme referimos, a natureza cemiterial deste espaço está contudo condicionada à vivência quotidiana da cidade em que está integrado, designadamente aos seus ritmos de metamorfose urbanística. Consequentemente, as afectações dos enterramentos a que já nos referimos decorreram de factores alheios à sua funcionalidade, mas também à sua própria dinâmica (Figura 15), provocando bastantes sobreposições parciais de indivíduos, como seja o caso dos enterramentos 17 e 64 a que já nos referimos.

De entre os vários episódios exógenos, parecem-nos de salientar os trabalhos que ocorreram no âmbito da renovação da fachada Sul da Igreja, possibilitando a construção de novas capelas laterais no seu interior, a abertura de uma nova porta lateral e a construção da Capela do Santo Cristo Cativo em 1603, situações que foram identificadas durante a campanha de 2010/2011 (Marques & Bastos, 2015). Igualmente, a estruturação da denominada Passagem do Carmo, na qual se inclui a construção do já referido Caracol do Carmo, entre os séculos XVI e XVII, conferiu a este local uma integração urbanística distinta da inicial, anulando parte do primitivo cemitério que na gravura de Braúnio parece ainda ter um muro a delimitá-lo (Figura 16).

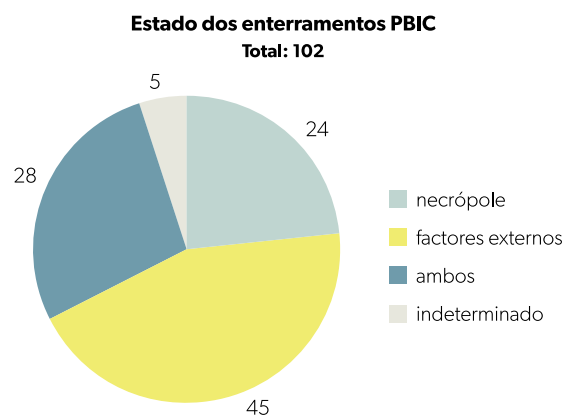


Figura 15 – Gráfico relativo às afectações e estado de conservação dos enterramentos identificados em PBIC.



Figura 16 – Excerto da Perspectiva de Lisboa (George Braunio, *Civitatis Orbis Terrarum...*, Colónia, 1572).

Durante a presente intervenção, a escavação da calçada correspondente à antiga Passagem do Carmo (actual Travessa de D. Pedro de Menezes), que antes de 1755 ligava o Largo do Carmo às Escadinhas/Caracol do Carmo, permitiu-nos verificar que além das obras no edifício religioso, também haviam sido feitas alterações substanciais à topografia e traçado urbano dessa antiga via pública, a qual foi então convertida numa rampa com maior inclinação que, literalmente, rapou e desbastou as sepulturas que anteriormente haviam sido abertas neste local no substrato rochoso.

Aliás, entre os dois contrafortes da fachada Sul, no extremo Oeste da Travessa de D. Pedro de Menezes, identificou-se uma série de buracos de poste, formando uma estrutura que delimita uma área de cerca de 18m², com as dimensões de 7,5m x 2,5m (Figura 17), a qual em nosso entender poderá corresponder a um tal-pal improvisado no âmbito dos diferentes trabalhos de construção civil a que temos vindo a aludir, eventualmente para servir de estaleiro. Com efeito, constatou-se que a sua estruturação implicou a afectação de, pelo menos, 2 indivíduos (enterramentos 79 e 82), observando-se igualmente que após a sua desactivação o espaço voltou a ser novamente afecto à sua função cemiterial, ainda que com uma intensidade mais reduzida, excluindo-se dessa utilização toda a parte central da nova calçada.

Na realidade, ainda a propósito da intrusiva acção de “terraplanagem” que incidiu sobre esta via, entre os finais do séc. XVI e os inícios do século XVII, verificou-se que esta utilização cemiterial, além de neste espaço ter passado a ser episódica, e não sistemática, se concentrou sobretudo junto à fachada Sul da Igreja,



Figura 17 – Vista do negativo dos postes da paliçada provisória que terá sido aqui instalada para servir de estaleiro às obras ocorridas em meados/finais do séc. XVI.

não se registando a ocorrência de qualquer enterramento no restante espaço em direcção aos edifícios de habitação/rendimento, propriedade da Ordem, existentes no lado Sul, antes de 1755 e que estavam construídos entre os arcobotantes da igreja (Figura 18). Esta diminuição de enterramentos é igualmente visível no arranque inferior da calçada, junto ao Adro Sul e à porta lateral, entretanto relocizada, onde não parece ter ocorrido qualquer sepultamento entre o séc. XVII e 1755.

Conforme já referimos, registou-se a presença de 12 ossários ou reduções, cuja formação deverá advir da reutilização de sepulturas. Porém, apenas num caso se exumaram dois indivíduos (na realidade 3) numa única sepultura, sobrepostos (enterramentos 29 e 57). Curiosamente o n.º 29 corresponde a uma mulher grávida, cujo feto foi igualmente exumado, verificando-se que sobre este existia um outro enterramento, cuja eventual relação familiar poderá futuramente ser verificada no âmbito dos estudos antropológicos/genéticos que ainda se encontram em fase de desenvolvimento, admitindo-se contudo que esta sobreposição possa ter sido meramente ocasional.

Relativamente aos contextos estratigráficos registados, concretamente ao espólio exumado, constata-se que a utilização desta área ocorreu logo após a construção do cenóbio, recolhendo-se testemunhos cerâmicos que abarcam um período que vai do séc. XIV à actualidade. Todavia, o posterior estudo individualizado dos mesmos, certamente irá permitir o afinamento de cronologias para alguns dos enterramentos exumados, ainda que o constante revolvimento dos mesmos, pelas diferentes razões a que nos referimos, certamente fruste essa pretensão em bastantes casos.



Figura 18 – PBIC: Vista do substrato geológico no local da antiga Passagem do Carmo, observando-se o negativo de várias sepulturas.

5. TERRAÇOS DO CARMO

Neste espaço apenas se identificaram 3 enterramentos solitários e relativamente dispersos (Figura 19). A sua descoberta constituiu uma surpresa para a equipa, ainda que, tratando-se da área da antiga cerca conventual, não seja estranho que tenham ocorrido neste espaço. Com efeito, tal como já referimos, existe alguma especulação em torno da existência de uma ermida, associada a um cemitério para peregrinos, que tem sido localizada em vários espaços no tardo do convento ou no espaço do actual Adro Sul. Talvez estes indivíduos se relacionem com aquela realidade, uma vez que, estratigraficamente, tudo indica que sejam anteriores ao Séc. XVI, resultando numa utilização para este fim, muito pontual e não sistemática.

A orientação destes indivíduos é canónica (Oeste / Este), estando igualmente dispostos em função da Igreja, à semelhança dos enterramentos registados no Adro Sul e na Travessa D. Pedro de Menezes. Não obstante, estamos em crer que se trate de religiosos que pertenceriam à Ordem do Carmo. Igualmente, no que respeita a espólio associado, os três tinham alfinetes associados, sendo que o enterramento 1 também tinha uma fivela. Ou seja, mantém-se o habitual despojamento material.

Pela sua relativa dispersão julgamos que este tipo de utilização, neste local, terá sido casuística e episódica, ainda numa fase inicial da ocupação monástica, possivelmente dando cumprimento a uma vontade expressa do defunto acerca do seu local de repouso eterno. De referir que no caso do enterramento 3 (Figura 20), de que restou quase apenas a respectiva metade esquerda, a sua afectação parece ter ocorrido na sequência da construção de uma muralha de contenção do terraço superior, aquando da realização de grandes obras de alteração e renovação do espaço tardo, em meados/finais do séc. XVI, altura em que terão sido estruturadas as Escadinhas de Nossa Senhora de Piedade, e criado o então denominado Caracol do Carmo, entre a antiga Rua de Valverde/Rossio e o Largo do Carmo, que foi destruído pelo Terramoto de 1755 (Sequeira; 1939a:150-154).

Nesta área da intervenção registou-se também a existência de 4 ossários (UEs 1106, 1108, 1174 e 1353b), e ainda uma camada de aterro (UE 1104/1185) na qual estavam incluídos bastantes ossos humanos anarquicamente misturados com outros materiais (cerâmicas, vidros, restos faunísticos, etc.) que, a avaliar por estes últimos, parece ter sido formada aquando da obra de requalificação do espaço a que aludimos no parágrafo anterior. Também os ossários terão tido a sua génese na

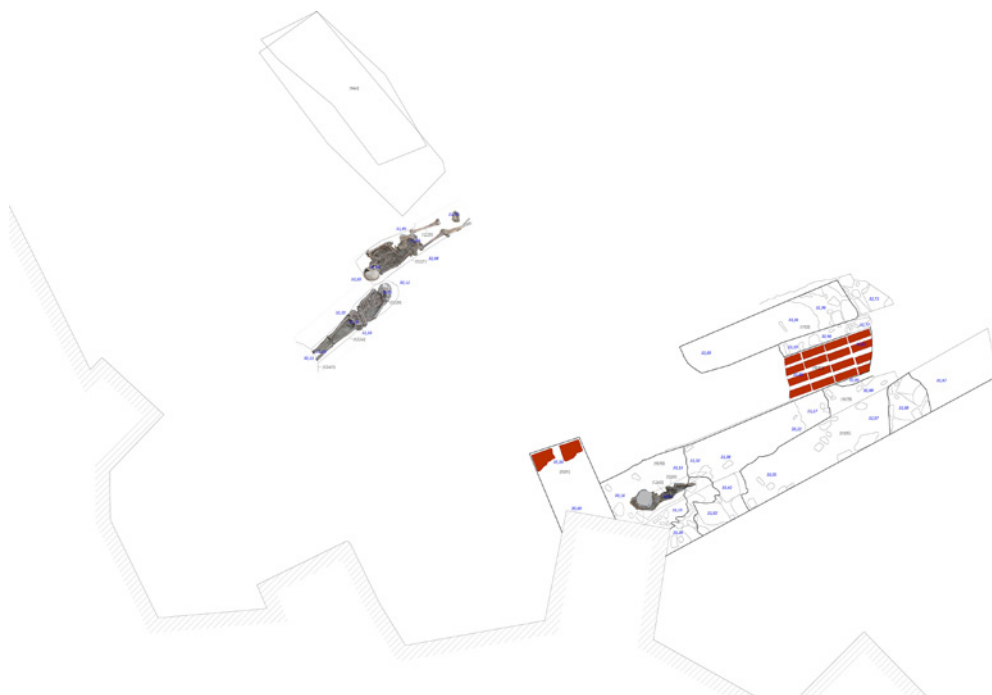


Figura 19 – Plano com a implantação dos 3 enterramentos exumados nos Terraços do Carmo.

sequência de obras que ocorreram no Convento, ainda que em momentos distintos.

No que respeita ao Ossário 1106 (Figura 21), trata-se do maior conjunto de ossos exumado, que deverá ter resultado da transferência de ossadas do interior do convento, posteriormente a meados do séc. XVI, tal como indicam os fragmentos de faiança e porcelana que foram recolhidos, em resultado de obras que terão aí tido lugar, salientando-se não apenas o seu enorme volume, mas também o mau estado de conservação dos ossos. Já no caso do Ossário 1174 (Figura 22), com dimensão bastante mais reduzida, parece-nos igualmente tratar-se de uma ocorrência coeva de obras que também terão ocorrido em finais do século XVI, em sintonia com o espólio cerâmico recolhido (destacando-se um conjunto de fragmentos de *majólica*). No que concerne ao Ossário 1353b, a sua relação estratigráfica, bem como o seu mau estado de conservação, apontam para que se trate também de uma formação resultante das obras de reconstrução posteriores a 1755, possivelmente no âmbito da instalação do quartel da Guarda Municipal.

De acordo com os dados preliminares que nos foram disponibilizados pela equipa de Antropologia, que posteriormente irá publicar os respectivos resultados, com o devido desenvolvimento, a estes ossários corresponde um número mínimo de 637 indivíduos.



Figura 20 – Enterramento 3 (TC), claramente afectado pela construção da estrutura de alvenaria que se observa.



Figura 21 – Vista do Ossário correspondente à UE 1106.



Figura 22 – Vista do Ossário correspondente à UE 1174.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de necrópoles associadas a este convento corresponde a uma situação recorrente em praticamente todos os edifícios religiosos desta natureza, tanto em meio urbano, como em meio rural. Ainda que a sua utilização seja relativamente restrita do ponto de vista comunitário, apenas acessível aos fiéis que de alguma forma estariam ligados, neste caso (beneficentistas, confrades, empregados, etc.), à Ordem dos Carmelitas, ou mais tarde, já no século XVII, à Ordem Terceira do Carmo, verificou-se uma intensa utilização, ao longo de um período de praticamente 350 anos, o que justifica alguma aparente desorganização do espaço, responsável pela sobreposição de enterramentos e pela afectação, total ou parcial, de outros.

Do ponto de vista do ritual cristão católico, exceptuando alguns casos pontuais já referidos, assinala-se o despojamento dos indivíduos e a simplicidade na deposição final dos mesmos. A orientação genérica dos féretros, com a cabeça a Poente e os pés para Nascente, corresponde ao padrão utilizado nas demais necrópoles cristãs coevas, ainda que se registre a ocorrência de alguns enterramentos que apresentam um ligeiro desvio para Nordeste, direccionando-os para o altar

da Igreja, certamente na expectativa de que, no dia da Ressurreição esse será o centro das atenções divinas.

Um outro aspecto, que nos parece relevante, relaciona-se com uma utilização cemiterial mais contida na denominada Passagem do Carmo, a partir da requalificação urbanística realizada no século XVI, e que se traduz pela quase ausência de enterramentos no Adro Sul, junto à Porta Lateral redescoberta em 2010/2011. O mesmo sucede na metade Sul da mesma via, certamente devido à existência de casas de moradia arrendadas, pertença da Ordem e que foram então edificadas entre os botaréis da fachada Sul da Igreja. Todavia, a este respeito, seguramente que o estudo do espólio exumado também irá acrescentar mais informação, sabendo-se que esta utilização cessou com o Terramoto de 1755.

O presente artigo constitui apenas uma breve e sucinta apresentação destes contextos funerários, exclusivamente sob o ponto de vista arqueológico, reservando-se para outra ocasião a publicação dos estudos de Antropologia ainda em curso, pela equipa que no terreno executou criteriosa e primorosamente estes trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- COX, Thomas (2007) – *Relação do Reino de Portugal: 1701*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- FERREIRA, Fernando Rodrigues (1999) – Escavações Arqueológicas da Igreja do Convento do Carmo. *Arqueologia & História*, 51. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 73-164.
- FERREIRA, Fernando Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição Machado (2002) – Intervenção de Emergência no Corredor do Carmo. *Olisipo*, 17 – Série II. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, pp. 113-117.
- MARQUES, António; BASTOS, Margarida Almeida (2013) – Subsídios arqueológicos para a História da Igreja do Convento do Carmo (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (eds.) *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1091-1101.
- SÁ, Manuel (1727) – *Memorias Historicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal*, vol. 1. Lisboa: Of. Joseph Antonio da Sylva.
- SANTA ANA, José Pereira (1745) – *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*, Tomo I. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939a) – *O Carmo e a Trindade*, vol. 2. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939b) – *O Carmo e a Trindade*, vol. 1. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

